

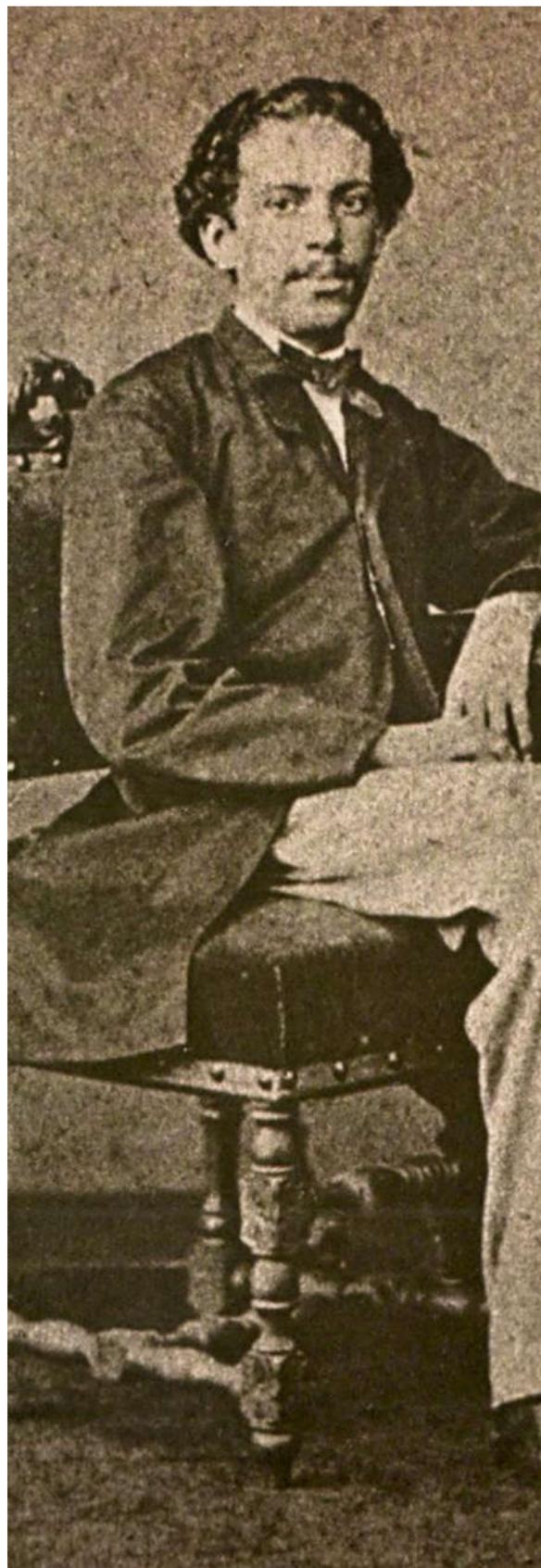
Machado de Assis em 1864,
fotografia de Joaquim José Insley
Pacheco.

Machado biógrafo:

*da investigação
de uma revista a
um texto inédito*

Cristiane Garcia Teixeira

Mestre e doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Capes. crisgarciat@gmail.com



M'achado biógrafo: da investigação de uma revista a um texto inédito

M'achado biographer: from the investigation of a periodical to an unpublished text

Cristiane Garcia Teixeira

RESUMO

São ainda imensuráveis as informações que se podem encontrar nas páginas amareladas dos periódicos do século XIX. A imprensa é parte intrínseca da construção do país, e o trabalho com essa fonte reflete a riqueza e as incontáveis possibilidades do fazer histórico. A proposta deste artigo consiste em apresentar o resultado do trabalho historiográfico que teve como objeto de pesquisa o impresso *O Espelho*: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes (1859-1860) e evidenciar como o caminho metodológico que compreende a análise e o estudo da distribuição geográfica dos autores e textos nesse periódico pôde elucidar tanto questões acerca de autorias duvidosas como a descoberta de um possível texto inédito do aclamado escritor da literatura brasileira Joaquim Maria Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; Machado de Assis; Brasil Império.

ABSTRACT

What can be found in the yellow pages of the periodicals from the 19th century is still immeasurable. The press is an intrinsic part of building a country, and working with this source reflects the richness and countless possibilities of history-making. This paper aims at showing the result of the material analysis of the printed periodical O Espelho [The Mirror, a magazine for literature, fashion, industry, and arts], and demonstrating how choosing this methodological path may also clarify questions about dubious authorship by acclaimed Brazilian writers, such as Joaquim Maria Machado de Assis.

KEYWORDS: the Press; Machado de Assis; Empire of Brazil.



Em 1859, Joaquim Maria Machado de Assis era ainda um menino de 20 anos, um “prosador novato” como ele mesmo intitulou-se.¹ Nessa época Machado d’Assis, ganhou um emprego no impresso *O Espelho*: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes. Antes disso, ele era ainda uma espécie de “diletante da pena”², mas em *O Espelho* usufruiu de uma posição de desta-

¹ ASSIS, Machado de. Os fanqueiros literários. *O Espelho*: Revista de Literatura, Modas, Indústria e Artes, 11 set. 1859.

² É Jean-Michel Massa quem utiliza essa expressão para caracterizar o início da produção de Machado de Assis para a imprensa do Rio de Janeiro oitocentista. “Ele era ainda uma espécie de diletante da pena. Aqui e ali aceitavam, em seguida procuravam sua colaboração, mas esta permanecia episódica”. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009, p. 209.

que: era “o faz-tudo ou tudo-faz da redação”.³ Ao longo deste texto, busco demonstrar a importância desse impresso para a vida literária do autor, inclusive pelas relações de amizades que estabeleceu a partir daí. Foi com o quadro editorial de *O Espelho* e com o grupo que girava em torno de Francisco de Paula Brito (*A Marmota*⁴ e a Sociedade Petalógica⁵) que se formou o escritor e redator Machado de Assis. E é desse jovem, ainda em formação, que este artigo trata. Com a fundação d’*O Espelho*, o literato passou de escritor eventual para a condição de redator de revista.

A análise do lugar que ele ocupou nas páginas d’*O Espelho* contribuiu não somente para a elucidação de questões relacionadas à organização editorial do impresso, como também para outras tantas sobre o próprio Machado de Assis, ao confirmar ou acalorar ainda mais as discussões acerca de autorias duvidosas do aclamado literato oitocentista. À vista disso, procuro refletir acerca de problemas metodológicos da pesquisa em revistas, trazendo à luz possibilidades de investigação do espaço geográfico desses impressos.⁶ Em outras palavras, tento entender a lógica da divisão interna dos artigos e autores, como eram distribuídos nas páginas da revista os gêneros literários e os textos dos colaboradores mais assíduos.

A proposta metodológica consiste em explorar as possibilidades que se apresentam aos historiadores e historiadoras diante de procedimentos teórico-metodológicos adotados por sobretudo por especialistas como Tania Regina de Luca, Ana Luiza Martins, François Sirinelli⁷, que, no tratamento das fontes impressas, investigam desde a sua materialidade até a composição do seu quadro editorial. Em diálogo com essas(es) historiadoras(es), chamo a atenção para o fato de que a ligação entre grupos de colaboradores de jornais diferentes pode tornar possível o encontro de indícios necessários para inferir sobre a autoria de um texto sem assinatura. Além do mais, esse aparato metodo-

³ MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Machado de Assis: vida e obra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁴ Jornal de variedades fundado por Francisco de Paula Brito no Rio de Janeiro em 1849 e que circulou até 1864. *A Marmota* foi importante para esta pesquisa, pois sua história se entrelaça com existência do *Espelho*. Os dois impressos acolhiam poesias, romances em folhetins, brindes que abrangiam figurinos de moda e partituras musicais. Tinham como pretensão atuar na formação cultural e moral do leitor. Veem-se em ambos conteúdos, propostas e objetivos similares, mesma tipografia (pelo menos os quatro primeiros números), mesmos colaboradores, propagandas e anúncios comuns, associados à prática de distribuir figurinos e partituras musicais, sem falar que o lançamento de uma revista se deu no aniversário de dez anos da outra. Para maiores informações a respeito disso, ver TEIXEIRA, Cristiane Garcia. *Um projeto de revista n’O Espelho: literatura, modas, indústria e artes (1859-1860)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2016. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168041>>. Acesso em 25 dez. 2018.

⁵ Agremiação criada por Paula Brito, que reuniu, entre outros, políticos, literatos, médicos, professores e historiadores. Funcionou na Corte entre 1830 e 1860. A tipografia de Paula Brito foi o local de encontros de membros da Sociedade Petalógica, entre os quais Eusébio de Queirós, Justiniano José da Rocha e José Maria da Silva Paranhos. Ver GODOI, Rodrigo Carmargo de. *Um editor no Império*: Francisco de Paula Brito. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2016.

⁶ Ao modo de Marlyse Meyer, utilizei a expressão espaço geográfico para me referir ao mapa dos impressos, ou seja, para refletir sobre o posicionamento dos textos e autores e como se movimentaram nas páginas desses impressos. Essa pesquisadora, ao estudar os romances folhetinescos, percebeu que eles apareciam sempre no rodapé das páginas, um espaço geográfico do impresso muito bem pensado para ser destacado e compilado depois de publicadas todas as partes do romance. Era também considerado o lugar de menos valor do impresso. Ver MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁷ Ver LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, e SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

lógico auxilia igualmente a entendermos o funcionamento da rede de colaboradores que compreendeu a produção da revista e, no caso deste estudo, o papel de Machado de Assis na organização editorial do empreendimento.

Outro caminho que enriquece as análises que têm os impressos como fonte de pesquisa é aquele que aproxima história e literatura. A meu ver, o exame da relação entre os homens e mulheres de letras e a imprensa, principalmente no século XIX, possibilita a melhor compreensão de processos como criação, circulação e manutenção das publicações. Jornais e revistas, muitas vezes, serviram como “porta-vozes” de grupos/associações literárias. Por essa razão, a identificação de gêneros literários e a explicitação sobre como eles estavam organizados nos impressos, quem eram seus autores e autoras, é algo relevante para nos situarmos diante de questões que envolvem, por exemplo, hierarquia editorial.

Este artigo se estrutura em três partes: num primeiro momento apresento *O Espelho*, destacando a materialidade da revista e seu quadro editorial. Por materialidade compreendo o que se relaciona ao formato, assinaturas, tipografia, aspectos que são também abordados com o objetivo de historicizar o objeto e permitir aos leitores perceber e o lugar social ocupado pela revista. No entanto, meu principal objetivo é explorar esse universo na tentativa de captar a lógica de como os textos e autores se movimentaram no periódico analisado. Afinal, em revistas e jornais nada é por acaso, nem o trabalho de paginação e ordenação.

Na segunda parte, debruço-me de maneira mais demorada sobre os textos de Machado de Assis n’*O Espelho*. Ressalto a relevância do escritor para tal impresso, partindo da análise do seu espaço geográfico e, nesse cenário, analisando igualmente a atuação na imprensa carioca da época (1854-1860), o que extrapola o período em que ele esteve envolvido com *O Espelho* (1859-1860). Saliento que, com frequência, a participação de Machado nessa revista foi negligenciada e pouco discutida. Por fim, na terceira parte, enveredo pela discussão acerca de um possível texto inédito do literato. Acentuo que a utilização da metodologia proposta tornou possível o encontro de indícios necessários para inferir sobre a autoria de um escrito seu sem assinatura, um provável texto: uma biografia, cujo biografado foi Pedro II.

O Espelho

O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes, circulou no Rio de Janeiro durante quatro meses: de setembro de 1859 a janeiro de 1860. Publicada em formato de brochura com folhas *in folio* e totalizando 19 números, brindou seus leitores com estampas de moda, retrato biográfico e partituras musicais. Mas foram as disputas no campo literário e dramático o seu assunto norteador. O valor da assinatura não destoou do restante dos impressos que circularam na Corte no mesmo período: 3\$000 réis para assinatura trimestral; 6\$000 réis, a semestral e 10\$000 réis, a anual. *O Espelho* possuiu em média 300 assinantes desde a terceira semana de circulação⁸, um número satisfatório (com uma margem de lucro pequena para seu proprietário e colabora-

⁸ Cf. *A Marmota Fluminense*, 6 set. 1859.

dores), se cotejado com o conjunto de periódicos “menores” que circularam apenas na capital do Império.

Como se lia em um dos alguns artigos publicados n’*O Espelho* e direcionados aos assinantes, seu redator estava satisfeito com o sucesso de assinaturas: “Há três meses que apelamos para a coadjuvação do nosso público quando tivemos de fundar esta revista. Não foi baldado esse apelo: o público benévolo prestou o seu apoio a nossa tentativa literária”. E continuava: “A extensão e preponderância deste apoio bem podem ser aquilatadas pelo número sempre crescente de assinantes que até agora contamos”.⁹ No entanto, nesse mesmo período (meses de novembro e dezembro) houve contratemplos, como o atraso da impressão da revista. Um mês depois, em janeiro de 1860, ela parou de circular e, conforme assegura Jean-Michel Massa, foi a falta de assinaturas que determinou o fim da publicação: “*O Espelho* não afundou por falta de combatentes, mas à semelhança do *Paraíba*, por falta de assinaturas”.¹⁰

Tudo indica que a imagem que os editores de *O Espelho* queriam passar, a exemplo da maior parte das revistas e jornais da época, era a do impresso redentor com a promessa de preencher as lacunas literárias e culturais da cidade do Rio de Janeiro e mostrar o que ainda nenhum outro periódico teria mostrado. Esse objetivo estaria sendo atingido, pois o público, supostamente, respondia positivamente a tal esforço com o volume das assinaturas registradas. Contudo, eles poderiam estar dissimulando as dificuldades que enfrentavam com a inadimplência dos assinantes. Por sinal, era brevidade da existência dos impressos oitocentistas tornou-se corriqueira. A imprensa periódica desse século, como assinala Tania Bessone, foi duramente prejudicada pela ausência de capitais e pela intermitência de muitas publicações.¹¹

Ainda se dispõem de poucos vestígios sobre o proprietário e editor-chefe de *O Espelho*. As informações sobre Francisco Eleutério de Sousa, localizadas nas páginas amareladas dos jornais e revistas da época, apontam para uma trajetória no mínimo curiosa: um jovem vate, estudante da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, acionista de companhias como a Doze de Agosto e do Banco do Brasil, membro de sociedades filantrópicas como a Sociedade Protetora das Viúvas Desvalidas e filho de pai capitalista. Todos esses dados conformam o perfil de um homem que possuiu uma condição econômica favorável, que, entretanto, morreu fuzilado em setembro de 1868, como traidor em campo de batalha, no acampamento de Cumbariti, durante a Guerra do Paraguai.¹²

Foi possível achar em impressos publicados na Corte e províncias, entre 1855 e 1859, diversas poesias, notas, crônicas e críticas literárias de autoria

⁹ Aos leitores. *O Espelho*, 27 nov. 1859.

¹⁰ MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*: (1839-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 236.

¹¹ Cf. FERREIRA, Tania Maria Bessone da. A presença francesa no mundo dos impressos no Brasil. In: KNAUSS, Paulo (org.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/ Faperj, 2011, p. 49.

¹² Possivelmente Eleutério de Sousa voluntariou-se para a guerra. Segundo documento encontrado no Arquivo Histórico do Exército da Bahia, ele já havia tentado se matricular na Escola Militar da Corte em 1850. Ademais, o voluntariado não foi incomum entre os jovens homens de letras da época, como se constatou com seus colegas Laurindo José da Silva Rabelo e Sotero de Castro e Silva, que, ao voltarem da guerra, foram agraciados com textos que honravam o patriotismo e a coragem dos dois jovens, um, redator, o outro, colaborador d’*O Espelho*. Cf. TEIXEIRA, Cristiane Garcia, *op. cit.*

de Eleutério de Sousa. Em contrapartida, na revista da qual foi proprietário sua assinatura apareceu pouco: na capa, no espaço reservado ao editor-chefe. Pôde-se também identificar sua autoria em alguns artigos d'O *Espelho* — que não apresentavam assinatura — por constarem de outros impressos devidamente assinados. No *Correio Mercantil*, por exemplo, em nota que trouxe sua assinatura, Eleutério mencionou duas personagens importantes para O *Espelho*: o poeta Laurindo José da Silva Rabello e Machado de Assis. Juntos completaram o trio de redatores- chefes da revista.¹³ Rabello, acrescenta-se, não esteve presente desde o início do empreendimento; foi apresentado como redator na edição n. 13. Talvez isso explique a tímida aparição de sua assinatura nas páginas *do impresso* (assinou tão somente três poesias). Ao contrário de Machado de Assis, que foi o redator protagonista d'O *Espelho*.

Machado d'Assis n'O *Espelho*

Dos três redatores, Machado de Assis foi o mais presente no periódico de Eleutério de Sousa, e essa assiduidade repercutiu na sua trajetória como literato, pois o ritmo de sua produção se acelerou e foi tomada em conta, como frisa Jean Michel Massa:

Durante o último trimestre do ano de 1859, operou-se uma mudança radical na atividade de Machado de Assis. Ele era ainda uma espécie de diletante da pena. Aqui e ali aceitavam, em seguida procuravam sua colaboração, mas esta permanecia episódica. [...] sua pena não havia ainda achado emprego. Com a fundação do Espelho, deu um passo à frente. Ele se tornou um dos redatores de uma revista ainda "confidencial", mas, ao menos para ele, era uma etapa decisiva, porque seus escritos foram tomados em consideração. Assim se explica a impetuosidade com que participou do empreendimento. Era a sua primeira oportunidade verdadeira.¹⁴

Sua estreia na revista se deu com a assinatura Machado d'Assis, posta-
da logo abaixo da poesia "A estrela da tarde":

[...] *Meu lábio secou-se no sol do deserto
Nem fonte ai perto! Cruenta aflição!
Passei tateando nas sombras da vida
Como ave caída nos lodos do chão!*

*A taça dourada do amor e ventura
Achei-a bem pura — mas não a bebi,
Do éden da vida rocei pelas portas:
As mãos eram mortas; ninguém veio ali,*

*Passei; fui sozinho no longo da estrada;
A noite pesada descia sem luz,
Segui tropeçando num frio sudário;
Agora um calvário, mais tarde uma cruz!*

¹³ Cf. documento firmado por Francisco Eleutério de Sousa, "o abaixo assinado vê-se na necessidade de declarar que é o único proprietário e diretor, bem como o chefe da redação de que tomam também principal parte os Srs. Dr. Laurindo José da Silva Rabello e Machado de Assis". *Correio Mercantil*, dez.1859.

¹⁴ MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*, op. cit., p. 209.



*Estrela! Cansado das lutas, vencido,
Dos sonhos descritos, ressurjo, aqui estou!
O manto da vida que cai-me aos pedaços
Recose-me aos que o frio engelou.*

*São crenças que eu peço de um gozo celeste:
No tronco ao cipreste — rebentos de flor;
Aos prantos que choro mais rir de doçura,
Mais pão de ventura, mais sonhos de amor!
[...].¹⁵*

Essa poesia denota um Machado de Assis que pareceu vivenciar, nesse período, a cruenta aflição do caminho árduo dos homens que se aventuraram nas letras, tateando nas sombras e tropeçando em frios sudários, como o próprio campo literário que era ainda muito incipiente. Tanto Machado quanto as letras de cunho nacional buscavam a glória do reconhecimento e de uma vida mais digna. Esse mesmo lamento apareceu em outra poesia intitulada “Um nome”, assinada por Machado de Assis e publicada no número 13 da revista:

*Dormi ébrio no seio do infinito
Ao fogo da ilusão que me consome;
A lira tateei na treva... embalde!
Nem uma planta coroou meu nome!*

*Os meus cantos morreram no deserto,
Quebrou-me as notas um noturno vento,
E o nome que eu quisera erguer tão alto
No abismo há de cair do esquecimento
Sou bem moço, e talvez numa esperança
Pudesse ainda me despir do lodo;
E ao sol ardente de um porvir de glórias
Engrandecer, purificar-me todo.*

*Talvez, mas esta sede era tamanha!
E agora o desespero entrou-me n'alma;
A brisa de verão queimou passando
A jovem rama da nascente palma!*

*E esse nome, esse nome que eu quisera
Erguer como um troféu, tornou-se em cruz;
Não cabe aqui, senhora, em vosso livro,
Pobre como é de glória e de luz.*

*Mas se não tem as palmas que esperava,
Filho da sombra, em jogo de ilusões,
Vossa bondade, a unção das almas puras,
Há de dar-lhe a palavra dos perdões!¹⁶*

¹⁵ ASSIS, Machado d'. A estrela da tarde. *O Espelho*, 4 set.1859.

¹⁶ ASSIS, Machado de. Um nome. *O Espelho*, 27 nov.1859.

Assim como na primeira poesia, Machado de Assis demonstrou que ainda não havia bebido da taça do amor e da glória e que seu nome não havia chegado às alturas do cipreste. Entrelaçando obra, autor e contexto, essas duas poesias são como que uma (auto)descrição de Machado de Assis em fins de 1859, permitindo entrever os temores e esperanças de quem tinha um nome ainda desconhecido pelos seus pares e pela sociedade em que se inseria. A análise de alguns dos textos escritos para *O Espelho*, bem como da trajetória de Machado nesse impresso, possibilita, como afirmou João Roberto Faria, “compor a figura do jovem intelectual em seu esforço de se afirmar entre escritores e jornalistas”.¹⁷

A poesia “A estrela da tarde” foi publicada na edição inaugural d’*O Espelho*, que passou a circular na Corte Imperial no primeiro domingo do mês de setembro de 1859. Nesse mesmo número, na seção “Notícias à mão”, escreveu-se sobre a fecundidade de talentos no Brasil. De acordo com o autor, que não se identificou, o futuro pertencia à inteligência dos jovens literatos brasileiros. A revista empenhava-se em propagar o talento da “brilhante mocidade” nacional. Machado, principalmente, invocou para a arte em geral um apelo democrático e igualitário. Fez uma crítica ao sistema que garantia aos pobres de talento, mas “ricos de algibeira”, espaço satisfatório no campo da literatura escrita e encenada, em prejuízo daqueles que eram ricos de talento, porém sem distinção social e financeira. Na batalha através das letras, Machado de Assis defendeu uma democracia de talentos comprometida com uma arte de cunho nacional, sem exacerbados estrangeirismos.

Acredito que a atuação de Machado de Assis n’*O Espelho* e as relações que daí advieram com outros nomes do campo literário, foram um divisor de águas em sua experiência literária. Antes de escrever para tal impresso, Machado de Assis não mantinha colaboração regular na imprensa brasileira. Foi nesse periódico que surgiram suas colaborações suas de caráter obrigatório.¹⁸ Antes de 1859, data de outubro de 1854 a primeira aparição de texto de autoria de Machado na imprensa, um soneto estampado no *Periódico dos Pobres*.¹⁹ Outra estreia de Machado de Assis, mas como trabalhador manual em tipografias, ocorreu, segundo tradição biográfica, em 1858, ao ser empregado por seu “primeiro patrão”, Francisco de Paula Brito, figura central e crucial para o grupo em que Machado circulou na juventude: o d’*A Marmota*. Foi prestando serviço na tipografia de Paula Brito que Machado começou a acompanhar os encontros da Sociedade Petalógica do Rossio Grande, agremiação que prati-

¹⁷ FARIA, João Roberto. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 6.

¹⁸ Machado de Assis já havia trabalhado no *Paraíba*, jornal dirigido por Emílio Zaluar, todavia de forma esporádica, a exemplo do que aconteceu, na mesma época, no *Correio Mercantil*. Segundo Lucia Pereira, no *Paraíba* Machado assinou três poemas e um artigo em quase dois anos. Ver PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 66 e 67. Magalhães Junior citou *O Espelho* como a oitava publicação em que Machado escrevia e que, mesmo depois de ingressar na revista de Eleutério, continuou escrevendo para o *Correio Mercantil*, pelo menos até novembro de 1859. Ver MAGALHÃES JÚNIOR, R., *op. cit.* Machado também figurou como autor de textos publicados n’*A Marmota* de 1855 até 1860 (aproximadamente 54 em seis anos). O ano em que mais apareceu nesse impresso foi 1855, quando assinou 19 poesias. Em contrapartida, no período em que esteve n’*O Espelho*, sua produção para *A Marmota* diminuiu consideravelmente, assinando só 3 textos durante todo o ano de 1859.

¹⁹ Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, R., *op. cit.*

camente todo o quadro editorial d’*O Espelho* frequentou.²⁰ Para Jean-Michel Massa, foi através desses contatos com jovens e pessoas mais idosas ou mais experientes na carreira das letras, que Machado progrediu mais rapidamente.²¹ Nessa época, descobriu-se em suas primeiras experiências literárias e descobriu, ao mesmo tempo, uma república de amigos. É muito provável que tenha conhecido Francisco Eleutério de Sousa nessas reuniões e que tenham encontrado em Paula Brito um incentivador para a criação d’*O Espelho*, já que a ligação entre a revista de Eleutério e o jornal de variedades de Paula Brito é evidente. Este último, aliás, foi amigo próximo do pai de Eleutério de Sousa. De mais a mais, os primeiros quatro números d’*O Espelho* foram publicados na tipografia de Paula Brito que, por sua vez, foi um de seus colaboradores.

Para Lucia Miguel Pereira, Machado de Assis sempre apresentou vocação para grupos e agremiações: “toda a vida, andou ou procurou andar às voltas com elas, como se o movesse uma profunda necessidade de fazer parte de um grupo [...] parecia sempre estar à cata de companheiros”.²² Além das associações literárias, foi por volta desse período que frequentou o escritório do advogado Caetano Alves de Sousa Filgueiras. Nesse local reuniu-se habitualmente com outros três jovens com propensões literárias: Gonçalves Braga, Casimiro de Abreu e José Joaquim Cândido de Macedo Junior, o Macedinho. Juntos formaram o “grupo dos cinco”. Casimiro e Macedinho colaboraram igualmente em *O Espelho*. Segundo Magalhães Junior, Casimiro de Abreu conheceu Macedinho quando ele era estudante de Matemática na Escola Central, em 1858. A partir de então, Macedinho passou a frequentar o escritório de Filgueiras e possivelmente ali conheceu Machado de Assis.²³

Machado de Assis concorreu diretamente para a criação e organização d’*O Espelho*, participando das decisões acerca da linha editorial e dos assuntos enfocados. Lucia Miguel Pereira já havia alertado para o fato de que Machado de Assis teria ajudado Eleutério de Sousa na fundação de sua revista semanal.²⁴ É razoável pensar que o literato recrutou colaboradores como Casimiro de Abreu e Macedo Junior. Pode-se conjecturar que eles chegaram até Francisco Eleutério de Sousa por intermédio de Machado. Essa hipótese se embasa nos laços de amizade estabelecidos entre os três literatos já no escritório de Filgueiras, antes mesmo da participação de Casimiro e Macedinho no grupo d’*A Marmota* e nas reuniões da Sociedade Petalógica. Provavelmente, foi também Machado de Assis o responsável pelo convite à colaboração n’*O Espelho* de seus amigos portugueses Antônio Moutinho de Sousa e Ernesto Cibrão. Este, que não integrou *A Marmota*, conforme Michel Massa, já era amigo de Machado de Assis desde 1856. Em crônica para *O Espelho*, na qual escreveu sobre a peça *Luiz*, de autoria de Cibrão, Machado manifestou sua amizade pelo português, afirmando conhecer a fundo a alma do jovem autor.²⁵

²⁰ Conforme Lucia Miguel Pereira, em 1858 Machado de Assis foi “revisor de provas na casa de seu amigo Paula Brito”. Ver MIGUEL, Lucia, *op. cit.*, p. 60. Rodrigo Godoi confirma que Paula Brito foi o primeiro “chefe” de Machado de Assis. Ver GODOI, Rodrigo Camargo de, *op. cit.*

²¹ Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*, *op. cit.*

²² PEREIRA, Lucia Miguel, *op. cit.*, p. 67.

²³ Para saber mais sobre o “grupo dos cinco”, ver MAGALHÃES JÚNIOR, R., *op. cit.*, p. 39 e 40.

²⁴ Ver PEREIRA, Lucia Miguel, *op. cit.*, p. 66.

²⁵ “O Sr. Ernesto Cibrão é português, terá um lugar distinto entre os escritores de sua terra, mas no meio dessas palmas que o esperam não se esquecerá de sua estreia no pequeno teatro do Ginásio. Seria uma

Além das relações de amizade que alimentaram a rede de colaboradores da revista, a investigação da proporção da contribuição de Machado de Assis n' *O Espelho* elucida algumas questões referentes à sua produção. Ao aumentar a escala de análise e refletir sobre a atuação de Machado na imprensa carioca em geral, até 1860, é possível dimensionar a importância do periódico de Eleutério na carreira do literato. Seguindo o índice cronológico feito por Galante de Sousa, em diálogo com trabalhos posteriores e acrescentando uma poesia de autoria de Machado de Assis publicada em 1854, conclui-se que, em seis anos (1854 a 1860), ele apareceu como autor de aproximadamente 77 textos.²⁶ Só em *O Espelho*, durante os quatro meses em que escreveu na revista (de setembro de 1859 a janeiro de 1860), somaram-se 37, mais do que em três anos, se comparados esses números a outros 36 produzidos entre 1855 e 1857.

Depois da participação de Machado de Assis em *O Espelho*, sua colaboração e seu reconhecimento na imprensa tomaram outros rumos. Sua pena passou a ser destacada nos demais jornais e revistas que circularam na Corte e províncias.²⁷ Em março de 1860, por exemplo, dois meses após o encerramento das atividades d' *O Espelho*, o *Correio Mercantil* se referiu a Machado de Assis como um autor bem conhecido e conceituado.²⁸ No início desse ano Quintino Bocaiúva o convidou para colaborar no *Diário do Rio de Janeiro*, um dos principais jornais cariocas. Como indica Faria, é certo que os folhetins escritos por Machado de Assis em *O Espelho* influíram na iniciativa de Bocaiúva: “Mais que um convite, era o reconhecimento da capacidade intelectual do rapaz de 20 anos, que precocemente ganhava um posto num dos três principais jornais da cidade”.²⁹

Como assinala Magalhães Júnior, “a exemplo da Santíssima Trindade, [Machado] conseguiu ser ao mesmo tempo trino e uno, na pequena revista *O Espelho*, de que participou ativamente”.³⁰ Nela colaborou como poeta, cronista, crítico teatral, tradutor³¹ e biógrafo. Ocupou uma espécie de lugar de honra. Seus escritos captaram o maior espaço geográfico do impresso, apropriando-se, em média, de duas a cinco colunas da diagramação por texto, ou seja, aproximadamente cinco das doze páginas de cada edição, pois costumava escrever de três a quatro textos por número, destoando dos demais colaboradores. Ao longo das dezenove edições d' *O Espelho*, o único colaborador que teve uma participação mais próxima da de Machado de Assis foi Manuel Duarte Moreira de Azevedo, totalizando 21 vezes. Os demais autores oscilaram entre uma e oito vezes.

ingratidão, mas quem escreve estas linhas sabe por tradição que não é esse o fundo da alma do jovem autor”. ASSIS, Machado de. Revista de teatros. *O Espelho*, 2 out. 1859.

²⁶ Cf. SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1955.

²⁷ Depois de cessar a circulação d' *O Espelho*, ele publicou, na imprensa do Rio de Janeiro, aproximadamente 70 textos em apenas um ano, entre 1860 e 1861, conforme SOUSA, J. Galante de, *op. cit.*

²⁸ Ver *Correio Mercantil*, 30 mar. 1860.

²⁹ FARIA, João Roberto Faria, *op. cit.*, p. 12.

³⁰ MAGALHÃES JÚNIOR, R., *op. cit.*, p. 119.

³¹ Magalhães Junior atribui a Machado de Assis a publicação, na revista, sob a assinatura M., da poesia “Escravo e rainha”. E esclarece que ela foi inserida posteriormente em seu livro de poesias intitulado *Crisálidas*, porém com outro título: “Cleópatra”. Por sinal, Magalhães adverte: “não era obra original, mas simples paráfrase de trecho de uma tragédia de Delphine Gay (Mme. Émile de Girardin) extraída da novela de Théophile Gautier, *Une nuit de Cléopâtre*”. *Idem, ibidem*, p. 122.

A análise da lógica da disposição dos escritos de Machado suscita algumas questões. Ao se investigar em separado os textos de sua autoria em *O Espelho*, percebe-se que eles ocuparam, nas dezenove edições — que contaram com um número de artigos que variou entre 7 e 15 nas primeiras edições e entre 9 e 12 nas últimas —, as mesmas posições: a primeira, quinta, sexta, sétima, oitava e nona. As poesias foram publicadas na nona (3 vezes) e oitava (4) posições; as críticas teatrais na quinta (2), sexta (2), sétima (8), oitava (4) e nona (1); a tradução na sétima (1); às crônicas se reservou sempre a página de abertura (7), assim como aos artigos (4) e á biografia (1).

Dos 19 números de *O Espelho*, os textos de Machado de Assis foram destacados na página de rosto em 12 deles. Como salientam Lúcia Granja e Jefferson Cano, ao analisar a atuação de Machado no *Diário de Rio de Janeiro* anos mais tarde, o fato de seus escritos figurarem nas primeiras páginas do impresso evidencia a sua importância e autoridade para o empreendimento.³² No entanto, o que eles descrevem como “a nova responsabilidade” colocada em mãos de Machado de Assis não foi exatamente uma novidade para o literato, que já havia experimentado a honra de publicar um texto seu na página inicial de *Marmota Fluminense*.³³ O que diferiu uma coisa da outra foi a frequência com que os textos machadianos saíram na primeira página e como primeiro artigo em *O Espelho*, “privilegio” de apenas três autores: Francisco Eleutério de Sousa (1 vez); Machado de Assis (12) e Moreira de Azevedo (1).

No cálculo feito para esta pesquisa, foi incluído o pseudônimo Gil como sendo de Machado de Assis. Grande parte da fortuna crítica sobre ele lhe credita esse pseudônimo. Já em 1972, José Galante Sousa o elencou como tal nos primeiros *Comentários da semana*, do mesmo modo que Magalhães Júnior, Lucia Granja e Jefferson Cano.³⁴ Magalhães Júnior assegura que Machado de Assis, “por duas vezes, usou também o pseudônimo de Gil [no *Espelho*], que iria reaparecer no Diário do Rio de Janeiro [...] e por fim na *Semana Ilustrada*, assinando as crônicas das ‘Vespas americanas’, em 1864”.³⁵ Em *O Espelho* é evidente a proximidade de sentido e a coincidência de alguns termos utilizados em “As gralhas sociais”, assinado por Gil, e a maior parte dos textos de “Aquarelas”, firmados por Machado de Assis sob as iniciais M-as. Notam-se neles o mesmo estilo moralizante e uma estratégia de escrita muito semelhante: características como a transformação da natureza em crítica social (em uma usou-se a fauna e nas outras, a flora); tal como havia o parasita político, literário e religioso nas “Aquarelas”, a gralha literária, política e científica se fazia presente nas “Gralhas sociais”; sem contar o profícuo diálogo com autores conhecidos da época, tanto estrangeiros como nacionais, referências clássicas e a incorporação de imagens mitológicas, além da escrita na primeira pessoa do singular. O argumento aqui sustentado se fortalece igualmente ao se tomar como referência para análise a posição dos textos de Machado de Assis em *O Espelho*. Ele ocupou lugar cativo em 12 das 19 edições do periódico: o de pri-

³² Cf. GRANJA, Lucia e CANO, Jefferson (orgs.). *Machado de Assis: comentários da semana*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

³³ Um soneto ao Imperador Pedro II. *Marmota Fluminense*, n. 654, 2 dez. 1855.

³⁴ Cf. GRANJA, Lucia e CANO, Jefferson (orgs.), *op. cit.*

³⁵ MAGALHÃES JÚNIOR, R., *op. cit.*, p. 119.

meiro artigo, na primeira página, a exemplo dos dois textos publicados sob o pseudônimo Gil.

Dentre as demais publicações de primeira página d’*O Espelho*, outras quatro não ganharam assinatura de autor. A crítica literária intitulada “Junqueira Freire e Álvares de Azevedo”, da qual não consta a menção do autor na primeira página da edição de 20 de novembro de 1859, foi identificada porque saíra anteriormente — numa versão praticamente igual — em *O Acadêmico* assinada por F. Eleuterio de Sousa.³⁶ Já os pseudônimos Victor de Parma e Ophir podem ocultar o nome de Machado de Assis. Victor de Parma é, por vezes, tido como uma variação do pseudônimo Victor de Paula, empregado por Machado de Assis, em 1872, no *Jornal das Famílias*, periódico que substituiu a *Revista Popular*, na qual se encontra também o pseudônimo Ophir, grafado em maiúsculas, e que, de acordo com o que se lê na revista *A Regeneração*, foi usado por Fernandes Pinheiro.³⁷ Contudo, Pinheiro não esteve entre os colaboradores d’*O Espelho*. Outro Ophir aparece em *Crisálidas: Jornal Científico, Literário e Crítico*, e era sobre ele — “o teu, Ophir” — que recaíam expectativas mais sólidas. Mas, como diria o cronista, isso é assunto para um próximo artigo, pois é sobre um texto publicado em *O Espelho* e não assinado — um esboço biográfico de D. Pedro II — que me debruçarei de agora em diante.

Um biógrafo de D. Pedro II

Na edição n. 10, de 6 de novembro de 1859, d’*O Espelho*, foi publicado um “Boletim Biográfico” que teve como biografado o imperador Pedro II. Essa biografia chamou a minha atenção, logo de cara, porque foi acolhida no lugar usualmente preenchido por Machado de Assis — a primeira página, destinada ao primeiro artigo, um espaço que só os textos desse autor e alguns romances ocuparam: cinco colunas. Se isso, por si, não confirmaria a autoria, outros indícios a sugerem e fortalecem essa hipótese. No n. 6, datado de 9 de outubro, sob o título de “Notícias à mão”, uma nota, sem alusão a seu autor, informou:

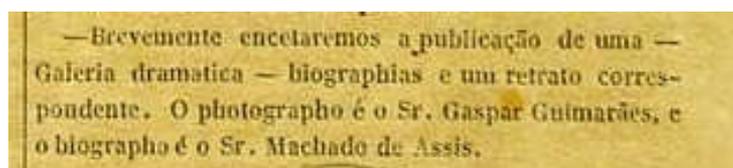


Figura 1. *O Espelho*, n. 6, 9 out. 1859, p. 12.

Machado de Assis, portanto, seria o autor das biografias anunciadas, que, concretamente, se limitaram à que tinha por alvo Pedro II e, mesmo assim, sem o seu retrato. Esclareça-se, a propósito, que em nenhuma das edições d’*O Espelho* achei qualquer informação sobre algum retrato do imperador. Esta apareceu, isso sim, em uma das propagandas da revista em *A Marmota* e no *Correio da Tarde*:

³⁶ Ver *O Acadêmico*, 4 out. 1855 e *O Espelho*, 20 nov. 1859.

³⁷ Ver Fotografias literárias. *A Regeneração*, 10 fev. 1867.

O ESPELHO.

Publicou-se o n. 10 com os seguintes artigos:—D. Pedro II (esboço biographico)
—Romance, o testamento do Sr. Chauvelin
—O charuto—O Judeu errante (lenda)
—A dama dos cravos vermelhos—A hospitalidade no Brasil (uma excursão por Minas)—Poesias: Força de vontade, A Ignez
—Chronica elegante.

Com este n. distribue-se o retrato de S. M. O Imperador.

Assigna-se sempre, na loja desta typographia, praça da constituição n. 64, e no escriptorio da Redacção, rua do Lavradio n. 29.

Por tres mezes..... 3\$000

Por seis..... 6\$000

Por anno..... 10\$000

(Para a corte.)

Figura 2. *A Marmota Fluminense*, n. 1106, 8 nov. 1859, p. 4.

Publicou-se o n. 10 do *Espelho* contendo os seguintes artigos: D. Pedro II (Esboço biographico.)—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin.—A hospitalidade no Brasil (Uma excursão por Minas.)—O charuto.—O Judeu Errante (lenda)—A dama dos cravos vermelhos.—Revista dos theatros.—Poesias, Força de vontade, A' Ignez.—Com este numero os assignantes d'esta revista de litteratura, modas, industria e artes, receberão o retrato lithographado de S. M. o Imperador.

Figura 3. *Correio da Tarde*, n. 255, 8 nov. 1859, p. 2.

Diante disso, é admissível concluir que, muito provavelmente, no n. 10 d'*O Espelho* publicou-se tanto a anunciada biografia quanto o retrato, que certamente o retrato não sobreviveu anexo à revista (ele que, tal como as imagens de moda, foi publicado em lugar estratégico para ser facilmente destacado por colecionadores). Nessas circunstâncias, deduz-se que a referida biografia se constitui, possivelmente, num texto ainda desconhecido do literato tão aclamado pela crítica brasileira: Joaquim Maria Machado de Assis.

Mas o que se pode dizer sobre ele? Na tentativa de responder a esta pergunta, minha opção, considerada a extensão da biografia, consistiu em destacar alguns trechos que sugerem a autoria de Machado de Assis e refletir sobre a concepção de história presente no texto. Isso, a meu ver, se justifica porque o tema história é recorrente em outros escritos do autor para *O Espelho*. Para auxiliar no desenvolvimento da argumentação, utilizo também o trabalho de Raquel Machado Campos, juntamente com a análise comparativa que realizo com outros textos de Machado para a revista, principalmente as crônicas teatrais que tangenciam temáticas ligadas à história. Raquel Campos, ao se deter na concepção de história em Machado de Assis, a partir das crônicas

publicadas entre 1892 e 1897 sob o título “A Semana”³⁸, na *Gazeta de Notícias*, faz a seguinte constatação:

*esta série de crônicas permite identificar um posicionamento frente à história, como atividade específica que tem seus objetos, métodos e praticantes. Posicionamento que pode ser percebido através de três “procedimentos” que delineiam uma certa concepção de história — uma concepção, face à existente na história dos historiadores, fundamentalmente herética. São eles: a ironia diante das certezas da história, a afirmação de que os grandes não cabem na crônica e a equiparação entre grandes e pequenos.*³⁹

Para a análise do texto biográfico, exploro, particularmente, os dois últimos procedimentos elencados por Campos. “Vejam como a cousa se fez”. Logo de início, o autor informa que não fará “uma análise completa da vida do Imperador”, pois... “essa tarefa pertencerá mais tarde ao historiador, que dia por dia, com seu escalpelo, aprofundar-se-á no estudo ainda das menores circunstâncias. O historiador tem um reinado inteiro, pode apreciar os fatos pelas consequências que se seguiram, pode mesmo penetrar as intenções, tem espaço, tem vagar, convém estender-se”.⁴⁰

Verifica-se que para o autor da biografia, que acredito ser Machado de Assis, uma análise completa de um acontecimento só poderia ser feita algum tempo depois de ele haver ocorrido, quando o historiador futuro tivesse “em mãos” as consequências das ações, de uma vida, no caso da biografia, e que com seu escalpelo pudesse dissecá-la. Nesse sentido, convém atentar para uma parte de uma crônica teatral escrita por Machado de Assis e publicada no mesmo número da revista em que apareceu a biografia.⁴¹ Nella ele aproximou o trabalho do historiador ao do cronista teatral, cuja função seria investigar, analisar e, por fim, criticar. A propósito, acrescento que em meados do século XIX até o início do século XX, por vezes atribuía-se a alguns poetas e romancistas o ofício de historiador (a exemplo do que admitiam os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB). Em *Dicionário* de 1832, a palavra crônica era sinônima de “história, que refere as coisas pela ordem do tempo”.⁴² A literatura era, então, outro modo de contar a história da sociedade.⁴³

³⁸ É cabível, aqui, uma explicação. Não se trata de proceder a uma aproximação anacrônica entre textos de 1859/60 e de 1892/97, até porque não é de se esperar uma coerência total entre essas obras, não. Entretanto, par além de mudanças de perspectivas e de contextos, persistem umas tantas continuidades e permanências, é sobre estas últimas que fundamento tal aproximação. Sobre o assunto, ver KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006. Busco não cair no erro de apresentar, quando jovem, o Machado de Assis da sua maturidade. Procuo enfatizar que, aos vinte anos, ele possuía uma visão bastante crítica do meio social em que se inseria. O grupo ao qual se integrou em sua juventude fez críticas mordazes à sociedade, notadamente ao dia a dia da cidade do Rio de Janeiro. Evidentemente, essa crítica social foi externada, inclusive em *O Espelho*, de maneira menos complexa, menos madura. Mas ela subsistiu, com outras nuances, em sua fase adulta.

³⁹ CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. *Entre ilustres e anônimos: a concepção de história em Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado em História) – UFG, Goiânia, 2009. Disponível em <<https://pos.historia.ufg.br/n/20875-ano-2009-dissertações>>. Acesso em 12 jan. 2019.

⁴⁰ ASSIS, Machado de. D. Pedro II (Esboço biográfico). *O Espelho*, 6 nov. 1859.

⁴¹ A peça teatral que motivou a crônica se chamava *Abel e Caim*, drama de Antônio Mendes Leal, e foi representada no Ginásio em novembro de 1859.

⁴² PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1983, p. 42.

⁴³ Apesar das diferenças existentes na construção de um texto histórico, de um lado, e literário, de outro, bem como das distâncias entre história e ficção, justifico a aproximação do cronista e do historiador neste

Ao emitir sua opinião sobre a encenação de uma peça teatral, Machado de Assis informou à leitora (para quem o crítico endereçou suas crônicas) que suas avaliações ressentiam-se de indecisão, pois eram observações de uma noite apenas e, mais, que “a crítica tem por fim analisar, e para analisar completamente há *mister* de conhecimentos mais latos e documentos mais verdadeiros”.⁴⁴ Tal linha de pensamento, como se percebe, remete à lógica que o autor da biografia descreveu sobre o trabalho do historiador futuro a respeito da vida detalhada de Pedro II.

Raquel Campos ressalta que a concepção de história dominante entre os historiadores IHGB, naquele período, os levava a registrar feitos “memoráveis”, vinculados aos que eram tidos e havidos como grandes homens da pátria.⁴⁵ No entanto, essa visão não foi unânime, tanto que alguns participantes do IHGB chegaram a destoaram um pouco dos demais. Joaquim Manoel de Macedo, por exemplo, quando esteve à frente da instituição, admitiu, nas palavras de Raquel Campos, que “devem figurar nos livros de história não somente aqueles que honraram a pátria, mas também os que se notabilizaram por seus feitos reprováveis, como o traidor Domingos Fernandes Calabar”.⁴⁶ Se trouxermos novamente à baila um trecho da biografia — “O historiador tem um reinado inteiro, pode apreciar os fatos pelas consequências que se seguiram, pode mesmo penetrar as intenções” — é perceptível que Machado de Assis também abriu a possibilidade para as menores circunstâncias. E, indo mais longe, ele, mesmo focando Pedro II, não sentenciou, pelo simples fato de o imperador ser um dos “grandes homens”, que todas as suas ações seriam memoráveis. Por sinal, quando mencionou Pedro I, o escritor afirmou: “terá erros, terá virtudes, mas cuja análise deixamos de parte”.⁴⁷

Atenho-me agora ao segundo procedimento aventado por Campos, segundo o qual os grandes não caberiam na crônica. Se ao historiador caberia o espaço de um reino inteiro, ao biógrafo faltou “espaço nas acanhadas colunas desta revista”, faltou tempo.⁴⁸ Ao contrário do que foi comumente compartilhado — que nem todos os fatos e nem todos os homens mereciam a atenção do historiador —, Machado abriu a possibilidade de se abordar acon-

trabalho baseando-me na concepção de história da época. Em texto publicado na *Revista do IHGB*, em 1856, Joaquim Manoel de Macedo observou que um poeta foi muitas vezes um historiador. Essa concepção foi compartilhada por outros historiadores do século XIX, especialmente do IHGB, para os quais muitos romancistas eram, ao mesmo tempo, historiadores e sociólogos. Ver CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves, *op. cit.*, p. 27 e 28.

⁴⁴ ASSIS, Machado de. *Revista de teatros*, *op. cit.*

⁴⁵ Cf. CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves, *op. cit.*, p.18-21. Um artigo que fornece elementos para a problematização da concepção de história hegemônica entre os componentes do IHGB é o de GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. O periódico de uma *société savante*: a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1889). *ArtCultura*: Revista de História, Cultura e Arte, v. 4, n. 25, Uberlândia, jul.-dez. 2012. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/26194/16255>>. Acesso em 7 nov. 2019. Essa historiadora nos dá algumas pistas que corroboram a análise de Raquel Campos. Entre outras coisas, Lucia Paschoal Guimarães esclarece que, dos vinte e sete fundadores do IHGB, quinze foram “homens públicos de nomeada, vultos cujas histórias de vida se entrelaçam com a própria história da formação do Estado nacional” (p. 39). Além disso, o ingresso de novos sócios nessa instituição patrocinada por Pedro II foi regulamentado por regras bastante rígidas. De resto, o desprezo dos integrantes do IHGB por estrangeiros que se dispunham a escrever sobre o Brasil, notadamente aqueles que teceram comentários desfavoráveis ao país, revela muito sobre história que se produziu acerca do Brasil, no século XIX, sob o crivo desse instituto.

⁴⁶ CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves, *op. cit.*, p. 22.

⁴⁷ ASSIS, Machado de. *D. Pedro II*, *op. cit.*

⁴⁸ *Idem*.

tecimentos nem tão notáveis assim. Além do mais, segundo o texto biográfico, Pedro II era imperador ou por obra do destino ou por obra de Deus, mas com certeza estava colocado em uma determinada altura pelo “voto do povo”. Altura essa onde ele mal podia ser apreciado: “o que resta-nos dizer, quando temos mais alto que as nossas palavras todas essas provas inequívocas da afeição de um povo inteiro?”⁴⁹ Essa passagem lembra, inclusive, o ritual de coroação e sagração de Pedro II, que, “por graça de Deus e unânime aclamação dos povos [é] Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”.⁵⁰

Recorro novamente a uma parte da crônica teatral de Machado, mencionada anteriormente. Ao analisar a peça teatral *Abel e Caim*, o jovem escritor estabeleceu uma analogia entre as personagens da obra e a história. Para ele, a sociedade era o *Caim* do talento por ignorá-lo, mas ainda assim havia talentos que eram recolhidos pela “piedade severa da história”, como Camões e Cervantes, por exemplo. Os outros “tão dolorosos” talentos, talvez tivessem sido muito obscuros para o olhar da posteridade. Não seriam eles tão obscuros quanto o próprio Machado quando “um nome” ainda desconhecido, sem glória e sem luz, a ponto de não caber em um livro... de história?

Ao se reportar relação entre as personagens, sociedade e história, Machado concede a Deus, o “Senhor” e aquele que no drama interroga pungentemente *Abel*, o papel de história para a humanidade, para logo fazer adentrar na história a figura de Dr. Manoel: “Para a humanidade o Senhor é a história; no drama é o Dr. Manoel da Cunha.” E como Machado caracterizou essa personagem em sua crítica? Vejamos: “O doutor é uma figura severa e simpática, mão estendida ao talento espezinado, rara dedicação no meio do egoísmo social.” Em continuação, critica o ator que representou o que seria a história no drama e que, para Machado de Assis, não era digno de tal papel, dada a sua importância: “É um papel alto demais para o Sr. Paiva, um moço de estudo e habilidade, mas cujo talento sente-se estreito para a aquela criação”.⁵¹

Em seu artigo “Ideias sobre o teatro”, publicado no n. 5 d’ *O Espelho*, Machado de Assis descreveu o jornal, a tribuna e o teatro como meios de proclamação e educação pública, ou/e como meios de procurar uma verdade:

Quando se procura iniciar uma verdade busca-se um desses respiradouros e lança-se o pomo às multidões ignorantes então. No país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento conveniente — as caligens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; e as castas superiores da sociedade ou rasgarão os seus pergaminhos ou cairão abraçadas com eles, como em sudários. É assim, sempre assim; a palavra escrita na imprensa, a palavra falada na tribuna, ou a palavra dramatizada no teatro, produziu sempre uma transformação. É o grande fiat de todos os tempos.

*Há, porém, uma diferença: na imprensa e na tribuna a verdade que se quer proclamar é discutida, analisada, e torcida aos cálculos da lógica; no teatro há um processo mais simples e mais ampliado; a verdade aparece nua, sem demonstração, sem análise.*⁵²

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ *Apud* SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Miguel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 270.

⁵¹ ASSIS, Machado de. D. Pedro II, *op. cit.*

⁵² *Idem*, Ideias sobre o teatro. *O Espelho*, 2 out. 1859.

Durante o século XIX, o teatro tornou-se um lugar de embate, onde se criticavam e se denunciavam as mazelas da sociedade.⁵³ Desse modo, a verdade a que Machado se referiu e que apareceu “nua” no teatro foi a realidade experimentada. Na ótica do escritor, para se fazer uma crítica apurada sobre as peças teatrais era preciso estudá-las com afinco. A crônica, para Machado, não seria, outra maneira de se escrever a história? Eis o que ele tinha a dizer sobre o assunto: A história é a crônica da palavra. Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss no púlpito cristão, Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado, levantando todas as confusões da humanidade. A história não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro”.⁵⁴

Assim Machado concebia a história a partir da crônica, algo não era unicamente um quadro de acontecimentos. Ela era viva. Era verbo. A palavra da história, que “foi sempre uma reforma”, era criadora e prodigiosa; fez do homem uma matéria organizada. Quando falada na tribuna ou escrita no livro, era ainda criadora e prodigiosa, mas era monólogo. Esculpida no jornal transformava-se em discussão, que Machado considerava “a sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda”.⁵⁵

Se analisarmos *O Espelho* como um todo e, em particular, toda a colaboração de Machado — cuja ponta de lança era a crítica à forma desigual com que a sociedade brasileira tratava os jovens talentosos e sem posses, “obscuros”, em relação aos jovens não tão talentosos, mas donos de uma “nobreza de brasão” —, podemos chegar a uma conclusão a respeito da concepção de história do autor e identificar permanências e continuidades em seu posicionamento na série de crônicas “A Semana”. Como sublinhei no início deste artigo, tomando por base os textos de Machado em *O Espelho*, ele invocou para o campo literário da época, ainda em construção, um apelo democrático e igualitário, como na amostra a seguir:

*Acabo de assistir, há meia hora, à estreia do Sr. Furtado Coelho no teatro de S. Januário. O drama escolhido foi o Pedro de Mendes Leal Júnior. [...] Casa-se perfeitamente no meu espírito a ideia vigorosa dessa bela composição. [...] O que se nota sobretudo em Pedro é a tendência liberal que tem tomado recentemente os vultos novos da literatura. O nome ilustre de um conde que cai para dar lugar ao nome do talento obscuro que se levanta, é o pensamento do drama e constitui para mim um símbolo. É a democracia do talento que reage sobre a nobreza do brasão, um elemento poderoso que procura suplantar uma força gasta.*⁵⁶

Não estaria Machado de Assis denunciando uma função política da história, pelo menos aquela do século XIX, ao evocar a origem nobre “dos grandes homens” para dominar posses e direitos, ou para legitimar desigualdades inclusive na seara também das letras escritas e encenadas? Penso sim, se

⁵³ Cf. MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*, op. cit.

⁵⁴ ASSIS, Machado de. A reforma pelo jornal. *O Espelho*, 23 out. 1859.

⁵⁵ *Idem*.

⁵⁶ ASSIS, Machado de. *Revista de teatros*, op. cit.

levarmos em conta a característica que também sugere a autoria de Machado para o esboço biográfico: a estratégia de escrita. Nós, seus leitores e leitoras não contemporâneos dele, muitas vezes nos percebemos em uma leitura desconfiada. Com efeitos de pontuação e presteza em arquitetar sua narrativa, quando ele dizia que não escreveria sobre determinado assunto é porque, na maioria das vezes, faria exatamente o contrário. Sua escrita pede uma atenção redobrada para aquilo que pode estar oculto e que só se torna perceptível quando lido nas entrelinhas. Nisso há pouca coisa nova, é verdade, principalmente na fase mais madura de Machado de Assis. Mas, no tocante a este trabalho, interessa-me encontrar essa estratégia de escrita no esboço biográfico e, nesse viés, entrar no assunto político.

Na biografia o autor se viu premido entre a autonomia, a crítica política e a “conveniência” ou o “cálculo”. Ele tentou se explicar: “Não é, pois, uma análise completa da vida do Imperador”; e emendou: “falta-nos um dos ramos mais profícuos para o historiador — o assunto político. As conveniências impõem-nos esta falta, ou antes, o cálculo impõe-nos este silêncio”.⁵⁷ Que cálculo? Machado denunciava as restrições à informação ao escrever que não falaria em política porque o cálculo o silenciava, censurava. Seria o “bolsinho do imperador” — que emprestou apoio financeiro a alguns empreendimentos da imprensa — o que o impossibilitou de escrever sobre determinado assunto político? Era habitual a prática do imperador de financiar projetos de pesquisas encarados como relevantes para a história do Brasil, bem como advogados, agrônomos, médicos, professores, engenheiros. Sabe-se que o “bolsinho do imperador” destinou ao IHGB cerca de 75% das verbas da instituição. Afinal, Pedro II insistia em cultivar a imagem de sábio imperador⁵⁸, como confirmava o texto da biografia: “O monarca brasileiro preza-se de ser o cultor e amante protetor das letras pátrias. Em diversas associações dentre nós fundadas todos o veem representado no seu nome, nos donativos que faz a bem de sua prosperidade”.⁵⁹ É cabível supor, aliás, que a *O Espelho* tenha sido beneficiada com a sua atenção. No primeiro número da revista se insinuava um pedido, talvez já atendido, de proteção imperial: “com esta convicção no espírito entramos nós na arena. De um lado a proteção pública, de outro lado a proteção imperial”.⁶⁰

Seja como for, mesmo depois de anunciar isenção política, Machado de Assis escreveu sobre os horrores das revoltas que acompanharam a vida imperial no “grande país, que mais tarde, talvez não nos nossos dias, pode vir a ocupar um importante lugar no mapa das nações”.⁶¹ Machado de Assis citou a Sabinada, na Bahia (1837), a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul (1841), a Revolução Liberal, em Minas Gerais e São Paulo (1842), e a Revolução Praieira, de Pernambuco (1848). E, ao aludir à violência desses conflitos — que revelaram manifestações contrárias ao alto custo de vida, à escravidão e



⁵⁷ ASSIS, Machado de. D. Pedro II (Esboço biográfico), *op. cit.*

⁵⁸ Ver SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Miguel, *op. cit.*, p. 285 e 286.

⁵⁹ ASSIS, Machado de. D. Pedro II (Esboço biográfico), *op. cit.*

⁶⁰ Prospecto. *O Espelho*, 4 set. 1859.

⁶¹ ASSIS, Machado de. D. Pedro II, *op. cit.*

ao autoritarismo do governo imperial —, Machado lamentou que “de todas estas revoluções restam ainda hoje vestígios desoladores”.⁶²

Na biografia ele mencionou ainda que, “mais de uma vez”, o imperador pediu dinheiro emprestado para “tratar de socorrer [...] o pobre, o desgraçado, seja nacional ou estrangeiro”. Quando não foi possível socorrê-los com dinheiro público, dispensou-lhes “palavras doces e sinceras”⁶³, além de admitir até o adiamento da edificação de um palácio:

*para conhecer-se a que subido grau chega a magnanimidade do imperador, basta considerar-se a abnegação que de si próprio faz pelo bem do seu povo. Disto tivemos uma prova eloquentíssima, quando se tratou da construção de um palácio digno do monarca americano: por esta ocasião disse ele que a construção do palácio podia se adiar, enquanto que o dinheiro que com ela se despenderia melhor seria aplicado no desenvolvimento da colonização.*⁶⁴

Por essa época, despendia-se muito dinheiro para a manutenção das instalações imperiais. Um inventário do Paço da Cidade, realizado em 1859, evidenciou que ele abrigava mais de 19 salas.⁶⁵ Além dele havia o Paço da Boa Vista ou de São Cristóvão, morada dos monarcas até o fim do Império. Pedro II nasceu e cresceu nesse palácio, que, de 1845 a meados de 1861, passou por diversas reformas. Somem-se aos gastos com ambos outros tantos relativos à Fazenda de Santa Cruz, que, durante a juventude do imperador, fora sua propriedade preferida. Por outro lado, em 1856, na cidade de Petrópolis — cujo nome homenageava Pedro II —, foi erguido um luxuoso palácio para a família imperial. Tudo isso era, obviamente, um sorvedouro de recursos públicos, que, de quebra, bancavam as viagens do imperador e de seus familiares. Estas, diga-se de passagem, foram lembradas, em tom elogioso, na biografia produzida por Machado de Assis:

*Não vimos no semblante de todos os fluminenses desenhar-se o sentimento da mais íntima saudade quando teve ele de partir para o norte? Não temos notícias das demonstrações, não dessas demonstrações oficiais e moldadas pelo aparato das cortes, mas sinceras e expansivas, com que nossos irmãos do norte o têm festejado? Não nos recordamos ainda do acolhimento que recebeu não há muitos anos quando seguiu viagem para as províncias do sul do império, e algumas outras do nosso litoral?*⁶⁶

A apreciação política esteve presente no texto biográfico, embora desde o início seu autor declarasse que faria o contrário. Registre-se que essa característica textual foi comum entre alguns membros da Sociedade Petalógica, grupo, como já vimos, que Machado de Assis integrou e que teve seu auge entre 1850 e 1861. Os participantes dessa agremiação conseguiam, aliás, fazer críticas contundentes à sociedade carioca e a seus administradores, como se estivessem escrevendo anedotas inofensivas.

⁶² *Idem.*

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 215.

⁶⁶ ASSIS, Machado de. *D. Pedro II, op. cit.*

Enfim, caminhando para o final deste artigo, entendo que — no pouco espaço disponível e sem desconsiderar o peso das conveniências da revista *O Espelho* — Machado tomou a vida de Pedro II como uma espécie de manual para se embrenhar no segundo Império brasileiro, oferecendo uma amostra da crítica fina com que abordou as questões políticas de seu tempo. Preocupei-me em explicitar os caminhos trilhados durante a pesquisa que possibilitaram o encontro de indícios necessários para inferir sobre a autoria de um texto sem assinatura, ao que tudo indica escrito por Machado de Assis aos 20 anos e ainda não creditado a ele.

Como constata Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, em meio a uma variedade de impressos e possibilidades de analisá-los, sempre cabem, em tese, leituras variadas.⁶⁷ No entanto, tentei evidenciar que a investigação do espaço geográfico de uma revista, bem como a análise da lógica de como os textos e os autores se movimentam dentro dele, podem nos ajudar a entender tanto o impresso quanto os autores e as relações sociais que estabelecem entre si. De resto, um mergulho mais fundo nesse universo permite ainda constatar a existência de textos escondidos nas folhas envelhecidas dos impressos do passado. E eles, em certos casos, sugerem outras pistas para repensarmos a maneira como trabalhamos a história da imprensa, da literatura e dos intelectuais do século XIX.

Artigo recebido em 11 de agosto de 2019. Aprovado em 28 de novembro de 2019.

⁶⁷ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de, *op. cit.*